



João Branco

DOS

Diálogos sobre a Arte e a Vida

**PREFÁCIO DE
SIMONÉ CAPUTO GOMES**



ROSA DE PORCELANA
editora

A DÔS COM JOÃO BRANCO

João Branco é um Mestre dos Diálogos.

Sua atuação como sinônimo do teatro em Cabo Verde, realizações como a ALAIM (Academia Livre das Artes Integradas do Mindelo) e o Mindelact, sua erudita tese de Doutorado (*Crioulização cénica: em busca de uma identidade para o teatro cabo-verdiano*, Universidade do Algarve, 2016) falam por si quanto à significação desta arte do encontro para sua vida. Para João, o teatro é “a mais humana das artes”, ensina a viver com os outros e para os outros” (*Crónicas desaforadas*, 2014, p. 96 e 49). E até a sua pesquisa sustenta-se “numa observação participante e numa reflexão que junta a teoria com a prática, o palco com a plateia, o artista com o público, a obra de arte com o consumidor dessa mesma obra” (2016, p. 3), sempre sob o signo da interação.

O Outro é o princípio e o fim (objetivo) do trabalho de arte, escrita e vida de João Branco.

Confesso que sinto uma enorme empatia pelo trabalho e, sobretudo, pela Arte de João Branco, porque, como ele, escolhi viver para um grande Outro, país pequeno, rico e imenso em cultura: Cabo Verde. João é, como afirma Nelson Saúte e reafirma Jorge Carlos Fonseca (nas citadas *Crónicas desaforadas*), um “cabo-verdiano de sinal contrário” (o que quer ficar na terra “sabe”, apesar de poder partir), já que nasceu em Paris, mas adotou o Mindelo desde 1991 como seu maior amor, extensivo ao arquipélago, aportando neste sem bilhete de volta!

Entende, em sua tese de Doutorado – uma história do teatro cabo-verdiano –, que a identidade crioula constitui uma “problemática cada vez mais discutida” e o conjunto de seus escritos

e de sua arte busca ir fundo nessa problemática, seja no campo da crônica, do ensaio, da encenação ou do ativismo social.

Nesse incessante processo de doar-se para o grande Outro que acaba por ser a pertença que escolheu (cabo-verdiana), entregando mente, corpo e coração à arte (e quem já o viu atuar pode compreender e sentir aquilo que afirmo), João nos presenteia com *DÔS*, coletânea de entrevistas datadas de 2010-2011, em que personalidades do mundo cultural cabo-verdiano se revelam ao entrevistador e, principalmente, ao leitor, enriquecendo o nosso conhecimento pela via do testemunho do que se produz com o selo desta pátria-mundo que é Cabo Verde.

A recriação de contextos desponta como um dos principais produtos das entrevistas, possibilitando ao outro que é o leitor, pela via do diálogo entre entrevistador e entrevistado, compreender o solo, o tempo e a episteme em que as experiências artísticas estavam sendo desenvolvidas.

Outro ponto a destacar resume-se em como a identidade multifacetada e complexa que define o que é ser cabo-verdiano(a) transborda dos diálogos, quando verificamos que os sujeitos entrevistados podem realizar-se, simultaneamente, como escritores, fotógrafos, músicos (instrumentistas, maestros, compositores), cantores, produtores, agentes, artistas plásticos, bailarinos, coreógrafos, cineastas, atores, encenadores, dinamizadores culturais, ministros, arquitetos, contadores de histórias.

No arquipélago e na diáspora, suas atuações dignificam Cabo Verde e desvendam linhas de uma criouliização que permitem uma percepção mais profunda das raízes de um povo que equilibra sua dispersão territorial com um aguçado e firme traço de união, já definido por Amílcar Cabral: seu bilhete de identidade, a sua cultura.

Ao organizar *DÔS*, João Branco opta por apresentar as entrevistas por ordem alfabética do primeiro nome e o elenco desponta com Abraão Vicente.

Considerando a função de um prefácio, buscaremos facilitar a inserção do leitor na obra, agrupando as personalidades por atividade principal, segundo a ótica da condução das entrevistas.

Abraão Vicente é a personalidade multifacetada que abre o painel, e João Branco seleciona o seu perfil de escritor. Atual Ministro da Cultura e Indústrias Criativas de Cabo Verde, Abraão confessa sentir-se mais atraído por sobre “a parte íntima de fazer cultura” (como expressa no romance *O trampolim*), do que pelas atuações como figura pública. Sublinha o papel da memória na sua escrita (“Não existe nenhum espólio mais rico do que a memória”), seja a memória do vivido ou o repositório de experiências lidas que complementa aquela. Expõe suas referências literárias principais, suas predileções com respeito à literatura cabo-verdiana produzida em nosso século e os projetos de escrita poética e ficcional para o futuro.

Arménio Vieira, galardoado com o Prémio Camões 2009, surge como outro escritor de destaque no mundo de língua portuguesa e o foco da entrevista é o impacto daquela honraria na sua vida. A partir desse recorte, aspectos de sua vida pessoal serão revelados, assim como sua percepção da morte, com uma longa reflexão sobre o fenômeno. Ressalve-se que um tema constante de sua poética é a passagem corrosiva do Tempo (“Tuto é finito”). O inferno da vida e da literatura avulta como outro tema recorrente em seus poemas, fartamente abordado nas respostas, bem como sua voracidade como leitor e o uso de novas tecnologias como apoio à escrita. A vida e a arte de Arménio aliam-se aqui para dar a medida da ficcional figura do Conde Silvenius e a entrevista, habilidosa em extrair testemunho, revela um Arménio fascinante para aqueles que já o conhecem como tal, mas, sobretudo, para os que, a partir da coletânea de João Branco, vão se propor a conhecê-lo.

Filinto Elísio compõe ainda a galeria literária. Acrescenta-se à atividade da escrita (na poesia e na prosa) a de editor e, como proposta maior, Filinto define-se como cidadão do mundo. O trânsito preside, aliás, toda a sua obra, seja entre ilhas, países ou gêneros (literários e artísticos), inserindo-se na contemporaneidade em temas e processos. O entrevistador o conduz a discorrer um pouco sobre a trajetória de sua poética e Filinto aceita a provocação, elucidando que, de uma “inocência primeva” da estreia, exercita hoje uma escrita “arrojada” ou “puzzle existencial”, atomizando

a força da palavra e, acrescenta esta prefaciadora, a tatuagem das palavras-imagens na página, a interlocução com outras artes (desenho e pintura), o jogo dos tipos e tamanhos de letra e cores de fundo. Uma escrita lúdica, enfim, que exige um leitor disposto a interagir com o tabuleiro de xadrez.

Mário Lúcio Sousa, músico e escritor, discorre, a partir da provocação de João Branco, sobre o “Simentera” como escola e sobre o impacto das modalidades musicais de todas as ilhas na sua arte. Fala da significação da prática do budismo em sua vida e da amizade com intérpretes brasileiros como Caetano Veloso e Milton Nascimento, além de mencionar seu *Novíssimo Testamento*, parte de sua produção escrita considerada, por outro dos entrevistados, Abraão Vicente, uma “profunda renovação estética” no campo das Letras.

Vasco Martins, maestro, compositor, instrumentista heteróclito reconhecido em todo o mundo, além de escritor, numa rara entrevista face à sua personalidade intimista, propõe que Cabo Verde se lance para o panorama internacional no que diz respeito às artes. Entende que seu caminho na música sinfônica tem sido solitário por falta de uma orquestra, de público e de mídia interessada em programas específicos e que o país deva investir mais, economicamente, no campo da cultura. Revelações de sua trajetória são verdadeiras pérolas colhidas com habilidade pelo entrevistador e, a partir delas, nós leitores podemos entender melhor como nasce um compositor erudito e, ao mesmo tempo, sintonizado com a natureza e as tradições das ilhas, num país de poucos recursos.

Bau, um virtuose das cordas, encantado desde muito cedo com os instrumentos expostos na oficina do pai, confessa viajar no som de seus solos e sonhar com uma escola de música para crianças, a passo que Hernani Almeida, instrumentista, compositor e diretor musical, define-se como um cultor da *world music*, mas, interpelado pelo entrevistador, opina sobre o jazz e a música que se produz atualmente em Cabo Verde.

Tito Paris, músico e intérprete de renome internacional, reflete sobre sua carreira, novos trabalhos, parcerias e projetos, como a Casa da Morna, bem-sucedida iniciativa instalada no Mindelo.

O interesse cada vez maior dos jovens pela música tradicional crioula e a assunção da sua pertença dentro e fora do arquipélago constituem pontos de destaque no diálogo, bem como a introdução dos cursos de música na universidade.

Vlú (Valdemiro Ferreira), em seu depoimento, revela assumir a música como um “hobby a sério”, não compreendendo suas atividades como profissionais. Esclarece que sua produção não visa o mercado, mas inovar e, por isso, mais do que gravar CDs, preocupa-se em gravar em seu estúdio e, posteriormente, divulgar suas criações em demos, com custo mais baixo. O “rock carnival”, por ele concebido, atesta o sucesso que sua criatividade encontra junto aos jovens de São Vicente, por expressar as pulsações da ilha e, ainda, por ser resultado de uma trajetória do carnaval mindelense que, pouco a pouco, vai se afastando do impacto do fenômeno brasileiro para adquirir facetas próprias, crioulas.

Voginha, outro virtuose do violão que também demonstra afinidades com a arte da composição, como Vasco Martins, pontifica nessa galeria de aficcionados da música, definindo-se como um homem do jazz. Declara gostar da partilha com outros músicos, como o citado Vasco Martins e Bau e lamenta não ter podido desenvolver mais parcerias, assim como não haver maior divulgação internacional de sua obra e de outros instrumentistas cabo-verdianos, por falta de empreendedorismo no que diz respeito, no país, a esta área da cultura. Para tanto, deposita esperanças no trabalho e nas ideias do Ministro que se anunciava na época, Mário Lúcio, também um amante da música.

Ainda no campo musical, destaca-se em *DÔS* o produtor Djô da Silva, responsável pelo lançamento de vários artistas de renome, especialmente a musa Cesária Évora. Fatos marcantes de sua convivência com Cesária são revelados na entrevista, como seus compositores preferidos, como escolhia o repertório, o sentimento que ela transmitia em suas interpretações que encantam o mundo como expressão da alma cabo-verdiana.

Na seara das artes plásticas, João Branco dialoga com nomes bastante conhecidos nacional e internacionalmente. Acompanhemos a interlocução.

Alex da Silva domina várias artes visuais, expondo suas criações em diversos países. Desponta no conjunto de sua obra o monumento em memória da Escravatura (Roterdã, 2013). Atualmente, está à frente da galeria Zero Point Art, no Mindelo, seu espaço de experimentação, também como marchand e curador. Alex avalia que o poder financeiro em Cabo Verde é baixo para a aquisição de obras de arte e o investimento no campo da cultura ainda pequeno, agravado por uma falta de espírito coletivo por parte dos artistas. Abrir uma galeria de arte nessas condições é um verdadeiro “gesto de amor”, como esclarece. Destarte, observa que o Mindelo seria uma cidade propícia a uma Bienal de Arte e que a escola deveria abrigar a educação artística, assim como a cidade deveria acolher encontros dessa natureza.

António Firmino, pintor famoso por seus retratos e postais musicais, vive hoje no Miratejo e dinamiza a comunidade cultural cabo-verdiana da região, ministrando, como professor de línguas, a língua cabo-verdiana, entre outras. Segundo ele, esta é “uma forma de estar em Cabo Verde, fora de Cabo Verde”. Firmino é um artista da criouldade, com vasta produção e formação superior em Letras e Humanidades, História das Artes e das Ideias, embora se considere um autodidata como artista plástico. Também evidencia facetas de músico que dedilha com mestria o violão, canta e compõe.

Irineu Rocha da Cruz possui uma vasta formação no âmbito das artes visuais, filosofia e estudos interculturais adquirida na Inglaterra e na Holanda, e sua obra reflete sobre o território e identidade do espaço social e cultural cabo-verdiano. Autor da série de fotografias “O Perímetro”, de 2009-2011, e de criações de vídeo como *Imersões* (2012), foi expositor da videoinstalação *Metathesiophobia (Medo da Mudança)* no Espaço Transversal da ArtRio 2017, no acervo Videobrasil, que se propôs a refletir a interlocução da instituição com a produção audiovisual do Sul geopolítico do mundo. Convidado por Leão Lopes a integrar a equipe do Instituto Universitário de Arte Tecnologia e Cultura (M_EIA) no Mindelo, o artista, vindo da Inglaterra, constatou em Cabo Verde uma ausência de dinâmicas e uma falta de percepção de “como a cultura (visual) pode projetar um país”. Uma concepção romântica e boêmia do

ser artista também não tem ajudado, segundo ele, a se encarar as artes, no arquipélago, como geradoras de riqueza, acrescida de um estigma social que subestima o ensino de artes.

Kiki Lima, artista plástico de renome internacional e gestor cultural, vem preencher uma lacuna na área da economia da cultura, segundo o entrevistador. A atividade empresarial, com apoio a outros criadores, bem como a execução e comercialização de materiais necessários às áreas da pintura, do desenho, da arquitetura e afins, é faceta que complementa a do produtor de arte (pintura, escultura, música, design) que identifica Cabo Verde como nação crioula. Kiki ressalta, como outros entrevistados, a concepção da atividade artística apenas como *hobby* e o preconceito contra a profissionalização na área, observando a fundamental importância de sacudir esta mentalidade e criar um mercado de arte.

Outra personagem dessa galeria dos artistas visuais é Mito (Hamilton) Elias, performer e poeta, que tem vivido na diáspora. Com um estilo peculiar, que incorpora o midiático, divulga com aguda expressão tanto a cultura de proveniência popular, oral e tradicional, representadas por personalidades que homenageia como Lourdes Vieira e Nácia Gomi, quanto a obra de grandes poetas, como Corsino Fortes e Mário Fonseca. A criação de *Sopinha de alfabeto* também o associa ao aparecimento de escritores que contribuíram e contribuem para dar uma nova feição à literatura cabo-verdiana. No campo da pintura, define seu trabalho pelo diapasão da “manualidade”, sem se preocupar com uma teorização do que produz. Ressalta a sua vontade de partilhar, de abraçar a arte de outros que, como ele, querem mostrar Cabo Verde ao mundo.

Tchalé Figueira, pintor de vasta produção e fama internacional, transita ainda pelas artes da poesia e do conto. Concluiu seu curso de Belas Artes em Basel, onde viveu por vários anos. Sua arte pictórica, de intensidade cromática e dramática, com suas personagens de impacto expressionista, é um verdadeiro poema de amor ao Mindelo, mas sempre eivada de um suporte crítico que fundamenta uma análise da sociedade local e do panorama mundial (vide sua série “Para não esquecer o passado”, composta por 14 “fragmentos do colonialismo”), evidenciando “um carácter político, de protesto,

contra o mal feito, a miséria, os problemas sociais”, como define o artista. Sua arte nasce dos instintos e transborda na criação de uma “mitologia pessoal” e onírica e, segundo Tchalé, nem sempre a novidade de sua proposta estética atinge um entendimento, embora encare tal fato com seu habitual humor.

Ainda no campo das artes visuais, destacam-se em *DÔS* os diálogos com os fotógrafos César Schofield e Jorge Joe Martins; o primeiro, também cineasta, questiona, como outros artistas, como se conceitua a produção artística em Cabo Verde, recusando a ideia de arte como entretenimento, além de defender a sua institucionalização, com ênfase na crítica analítica especializada. Jorge Joe Martins historia o início de sua trajetória como fotógrafo, das primeiras experiências ao aprimoramento técnico em estúdio industrial. E sublinha seu gosto por catalogar imagens antigas de Cabo Verde e de personagens da sua história cultural, além de vasta documentação midiática armazenada, conjunto que poderia dar corpo a projetos de preservação do patrimônio e promoção do país no exterior.

No campo do teatro, João Branco elege para o seu diálogo Adriano Reis, Caplan Neves, Fonseca Soares, Manuel Estevão, Neu Lopes e Sara Estrela.

Adriano Reis, ator e contador de histórias, milita também na área da educação, apreciando a formação de crianças. Marca a diferença de seu trabalho em Lisboa e no arquipélago, destacando a paixão com que se atua na terra natal e, por outro lado, dificuldades de atuação na diáspora, como, por exemplo, a preferência por se escalar atores de ascendência negra para papéis temáticos ou estereotipados, preconceito agravado pela alta competitividade e pouco espírito coletivo que percebe entre aqueles.

Caplan Neves, ator, dramaturgo, psicólogo, músico, opta por trabalhar, em sua peças, temas candentes como a pedofilia e a violência doméstica, entendendo a angústia e a dor como motores de criação e a conscientização do receptor como meta. Sinaliza apostar na escrita como área de trabalhos futuros.

José Eduardo Fonseca Soares, o Rei Lear crioulo, ator, jornalista, encenador e produtor cinematográfico, discorre, na entrevista, mais

como realizador (despontando *Futcera*, de sua Criola Produções, adaptação do conto popular de Santo Antão “A Feiticeira e a Pombinha”), especialmente de histórias cabo-verdianas centradas na mulher. A ideia de ter uma equipe nacional de produção é fundamental ao projeto, visto que o entrevistado considera a situação do mundo audiovisual cabo-verdiano bastante difícil à época do diálogo com João Branco. Quanto ao teatro, considera que, apesar das condições globais serem pedras no caminho, passos significativos já foram dados, como formação de pessoal e profissionalização crescente.

Manuel Estevão, ator de longa e bem-sucedida carreira, dramaturgo e encenador, considera que o teatro é uma “mais-valia” cultural de Cabo Verde e que pode, como a música, ser um instrumento de divulgação do arquipélago no mundo. Um dos fundadores do Mindelact tem dado importante contribuição à trajetória do teatro no arquipélago e na diáspora, e também por isso foi galardoado com o Prémio de Mérito Teatral 2012. Falando aos jovens, Manuel aconselha formação aliada à vocação e à consistência na caminhada, para construir uma carreira na área. A formação mais profunda de um público crítico parece-lhe também crucial no contexto das ilhas e o Mindelact tem contribuído muito nesse sentido, assegura. Detalhes de sua preparação para atuar e episódios curiosos do dia-a-dia do ator são revelados na entrevista.

Neu Lopes é um artista multifacetado, característica comum a vários cabo-verdianos que aqui são apresentados em obra e vida. Encenador, ator, produtor, designer, músico de linhagem (filho de Manuel d’Novas), inovou o teatro nacional com o gênero musical, especialmente no grupo Sarron.com. Destaca, na sua entrevista, como o som das peças o atraiu sempre e acentua a formação em multimídia que optou por abraçar, inclusive no campo da composição. Enfatiza a necessidade, nem sempre possível de realizar, de ter músicos ao vivo nas peças teatrais e de se investir em cursos de iniciação teatral nas vertentes musical e coreográfica no arquipélago.

Sara Estrela desponta com releituras cênicas de obras clássicas da literatura cabo-verdiana. As identidades crioula e mulher são

referidas pela encenadora como estruturantes em sua concepção teatral, que se expressa de forma visual e corporal. Defende a formação artística de base e seus ensaios abertos têm a finalidade de oportunizar um conhecimento do processo complexo que resulta na encenação de uma peça.

No que toca à coreografia, João Branco escolhe dialogar com António Tavares, Mano Preto e Marlene Freitas. O primeiro, coreógrafo, bailarino e músico, com carreira internacional, é fundador dos grupos “Crêcheu” e “Compasso Pilon”, voltando-se para pesquisas sobre a dança, mormente a de raiz cabo-verdiana. Sua experiência com a ópera é *sui generis*, concebendo-a como “obra de arte total, porque que inclui as outras como música, teatro, artes plásticas” e a montagem de *Crioulo*, no centro Cultural de Belém, atesta que cabo-verdianos podem criar este tipo de espetáculo. A circularidade das obras cabo-verdianas também o preocupa, enfatizando a necessidade de políticas públicas para isto voltadas.

Mano Preto, diretor artístico da companhia de dança “Raiz di Polon”, reafirma a necessidade da educação artística desde a tenra idade. Define ainda o trabalho coreográfico na fronteira da dramaturgia, enfatizando a importância das ferramentas teatrais para o sucesso de suas produções experimentais: uma “dramaturgia do silêncio”, mas que põe “o corpo a falar”. De projeção internacional, o “Raiz di Polon” é a primeira escola de arte não oficial de Cabo Verde, segundo o entrevistado. A deficiência técnica de alguns bailarinos, assevera, deriva da carência de uma formação de base. A criação de escolas de arte por todo o país é essencial, na sua opinião, mas massificar o ensino artístico informal pode ser uma saída paliativa imediata.

Marlene Freitas, das mais prestigiadas coreógrafas da Europa, de origem mindelense, vive na diáspora, entre Portugal e França. Pontua que suas experiências iniciais como bailarina cabo-verdiana vão tornar sua arte heteróclita e mais aberta, quando sob o impacto das realidades europeias. Na arte da dança, privilegia o fazer o espetáculo, o processo de criação, mais do que a pedagogia ou a formação em escolas.

O painel de cantores entrevistados por João Branco vai ser composto por mulheres, divas da música crioula: Celina Pereira, Nancy Vieira e Teté Alinho.

Celina, cantora, escritora e contadora de histórias, tem papel relevante no que diz respeito às recolhas da cultura tradicional cabo-verdiana. Nascida na ilha da Boavista e tendo realizado sua formação na ilha de São Vicente, Celina vive há longo tempo na diáspora (em Portugal), destacando, entre suas facetas, a de comunicadora, embora confesse que seu maior prazer reside em cantar. Seus audiolivros são antológicos e a forma de contar cantando, segundo ela, provém da África ancestral. Premiada internacionalmente na sua arte, Celina Pereira é uma pesquisadora de gêneros musicais tradicionais como as cantigas de roda, as mazurcas, as contradanças, o batuco, atuando no campo da preservação da memória coletiva e identitária.

Nancy Vieira, por sua vez, reconhecida por seu talento e “voz de ouro” tanto no sítio de acolhimento (a diáspora portuguesa) quanto nas ilhas, define-se como intérprete e, humildemente, embora com grande repercussão internacional, recusa-se a aceitar o rótulo de “nova Cesária”, por considerar que Cize é única e o impacto de sua popularidade no mundo, ímpar no panorama cabo-verdiano.

Teté Alinho, cantora e compositora, expressa a satisfação por sua trajetória, apesar de atribuir algumas dificuldades encontradas no início da carreira ao fato de ser mulher e de ter priorizado, no início, a educação dos filhos em detrimento da carreira de solista. Enfatiza ainda a circunstância de, em Cabo Verde, ter que se dividir a carreira artística com outra que lhe dê suporte para a subsistência e de a arte musical não ser encarada na âmbito da profissionalização e da sustentabilidade; e ressalta o fato de as iniciativas culturais serem apoiadas predominantemente pelo setor privado.

Da área cinematográfica João escolhe dialogar com Tambla Almeida, realizador famoso pela produção *Ulime*, que vai revelar dificuldades no que diz respeito à circulação e à exibição dos filmes. Ressalta que, por volta de 2010, há quantidade de artistas a produzir e variedade de formas e que, portanto, deve-se investir mais no

setor, assumindo a faceta visual criativa no campo da realização.

Quanto à arquitetura, Carlos Hamelberg, fortemente comprometido com a criouldade (buscando apreender “antropofagicamente” e de forma conceptualista os elementos crioulos), explana a relação arquitetura-arte, ou seja, a vocação artística necessária para quem trabalha na área. Define a arquitetura como a “única forma de arte que tem a função de abrigar”, aliando a funcionalidade à intenção plástica.

Como denominador comum, para todos os entrevistados, detentores de concepções e carreiras relevantes no país e no exterior, a arte é necessária, não se deve reduzir ao entretenimento, precisa ser encarada com profissionalismo por produtores e receptores e tem o poder de projetar Cabo Verde no panorama internacional. A educação artística precoce é ainda um ponto comum aos depoimentos.

Mano Preto, em síntese, emite uma reflexão lapidar sobre o tema: “O Estado tem que ir atrás e perceber que os grandes problemas de Cabo Verde como a insegurança e a pobreza resolvem-se com arte”.

O engajamento nesses princípios emerge do conjunto das entrevistas, descortinando ao privilegiado leitor de *DÔS* o espírito de um projeto e de um *djuntamon* (nem sempre percebido) que os multifacetados artistas cabo-verdianos têm empreendido, com seriedade e formação adequada, para o desenvolvimento do seu país na seara da cultura.

Boas-vindas a este livro de João Branco, que nos permite desfrutar dessa longa e profunda reflexão!

Simone Caputo Gomes

Professora Doutora da Universidade de São Paulo
Membro Honorário da Academia Cabo-verdiana de Letras

DÔS COM ABRAÃO VICENTE

Abraão Vicente é escritor, pintor, fotógrafo e, atualmente, exerce o cargo de Ministro da Cultura e das Indústrias Criativas. Nasceu no interior da ilha de Santiago em Cabo Verde, cursou Sociologia pela Universidade Nova de Lisboa, em Portugal, com tese sobre a construção do campo artístico em Portugal durante o século XX. Artista multifacetado, foi apresentador de televisão e deputado pelo Movimento para a Democracia. No campo literário, é autor de *O Trampolim* (romance), *E de repente a noite* (poesia), *Traços Rosa Choque* (coletânea de crónicas), 1980 *Labirintos* (poesia) e *Amar100medo*, *Cartas Improváveis & Outras Letras* (poesia). Participou na coletânea *Dez contos para ler sentado* (contos).

E é uma excelente escolha. E romancista?

Acabei recentemente de reler *O Perfume*, de Patrick Suskind, e é um autor que aprecio particularmente.

E em Cabo Verde?

Arménio Vieira, claro.

Mindelo, janeiro de 2010

DÔS COM CARLOS HAMELBERG

Carlos Hamelberg é um homem para quem a arquitetura, além do concreto e do prático, é um estado da alma. É um dos mais notáveis arquitetos cabo-verdianos, formado na Escola de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. Todas as suas concepções e os seus traços refletem Cabo Verde e a criouldade, numa ponte suspensa (de quase geometria no espaço), em que doutro lado se afirmam a planetarização e a pós-modernidade da arquitetura (interior e exterior) e do urbanismo. Nesta conversa dá-nos uma interessante, e por vezes inquietante, visão de como a arte e a arquitetura estão ligadas. E que ainda há esperança de uma arquitetura cabo-verdiana se poder afirmar no terreno, ganhando a batalha do tempo e da criatividade.

Quando aterrámos em Cabo Verde a primeira sensação visual e pictórica que temos, ainda do avião, é de um cinzentismo quase dominador. Podemos pensar que essa é uma característica apenas das nossas duas maiores cidades, mas é algo que se vai repetindo mesmo nas paisagens rurais. Que comentário te oferece essa realidade, no teu olhar de criador de espaços urbanos?

Carlos Hamelberg: Desde o início da minha carreira, em 1993, foram esses elementos visuais que serviram de condicionantes para a arquitetura que eu pretendia fazer em Cabo Verde. A textura das rochas, o colorido das roupas, o mar, as embarcações, a pesca, as sereias das lendas, o humor da nossa cultura...

Mas esse cinzentismo não me parece que seja inspirado em nada disso. O que vemos são blocos de cimento por todo o lado...

Esse cinzento, que não é cinzentismo, recria também o seu contraponto. Daí eu usar muito o jogo de cores na minha arquitetura para contrastar e para harmonizar com o neutro da paisagem construída.

Qual o grau de responsabilidade que cabe à classe de arquitetos cabo-verdianos no género de paisagem urbana que temos hoje em Cabo Verde? Ou será que ainda não se pode falar em classe profissional nesta área?

O arquiteto tem responsabilidade em tudo isso. No entanto, como em todas as áreas, tendo em conta os profissionais para os diferentes segmentos, muitos que por aqui andam não têm vocação para a arte de projetar. Há uma visão crítica da arquitetura, historiadores e estudiosos nesta área que também poderão contribuir para a melhoria global do desempenho da classe em Cabo Verde. O fazer arquitetura exige essa vocação criativa como qualquer outro que labora no campo artístico.

Onde estão esses críticos que não damos por eles? Também aqui, o facto de o mercado de trabalho ser muito reduzido e extremamente competitivo não torna o espírito crítico um pouco tacanho, digamos assim? Porque falar mal de um prédio de uma determinada grande empresa pode fechar portas para outros projetos...

O meu colega Nuno Marques tinha uma página no *Expresso das Ilhas* e no *Liberal* com tais inquietações críticas. O meu colega Cipriano, ex-bastonário, produzia vários artigos de crítica arquitetónica. Há pouco tempo foi lançado um livro sobre a história da arquitetura no Plateau da Cidade da Praia e na Cidade Velha. O historiador António Correia e Silva também fez vários artigos sobre a arquitetura na Cidade Velha, que serviu de temática para o pavilhão cabo-verdiano na Expo Shanghai.

São sinais positivos, sem dúvida. Mas será que chega para o que é preciso? Porque a verdade é que continuamos a assistir todos os dias a autênticos atentados urbanísticos em muitos prédios que nem sequer são assinados por arquitetos.

Repara, isso acontece porque o nosso mercado é muito pequeno, a atividade liberal é concorrida e não há uma cultura social para encomenda de projetos junto aos gabinetes de projeto. Mesmo assim aqui na Praia, e sei que nas outras ilhas também, há bons exemplos de obras arquitetónicas. Claro que ainda numa fase embrionária porque entre o projetar/financiar/executar há que considerar um tempo útil e, muitas vezes, um projeto leva uns 10 anos a se materializar. Além disso, a crise financeira que atravessamos, com fortes reflexos na imobiliária, não ajuda em nada.

Que parcela de arte existe na arquitetura que se faz hoje em dia? Ou seja, dito de outra forma, acreditas que os arquitetos nacionais já são mais criadores do que meros projetistas? Que procuram ir mais além do que o óbvio que vemos todos os dias?

Que têm também um pensamento para o todo integrado e não apenas do edifício que estão a projetar no papel? O que nos falta para que a arquitetura possa ter uma importância que nos faça olhar para um edifício também como uma obra de arte?

Tudo depende do que está por detrás do arquiteto, do *background* do profissional, ou seja, da intenção, da postura de quem faz. E isso tem de estar inserido numa estrutura conceptual na forma de agir e de projetar. Nem todas as obras necessitam ter uma grande caracterização artística.

Como é no teu caso particular?

Eu tenho uma visão híbrida da arquitetura, mas considero-me conceptualista.

O que quer isso dizer, especificamente?

Que tenho grande vetor de labor por obras de elevado nível plástico. Naturalmente que muitas obras, mercê da sua vertente comercial, não precisam ser de excessiva plasticidade. Ou seja, produzimos muito como um *pret-a-porter* à maneira dos estilistas que também o fazem sem perder a sua essência conceptualista. E é isso que ressignifica o arquiteto.

Mas tem que ser assim? É como um músico erudito obrigado apenas a compor para *spots* de televisão...

Não tenho, nem haveria de ter, essa necessidade de encher uma cidade de obras de arte, mas também reconheço que quanto mais conceptualistas tivermos mais engrandeceremos a arquitetura cabo-verdiana. No entanto, não esqueçamos que a arquitetura se concede a abrigar atividades múltiplas e em toda a sua extensão. Aliás, é a única forma de arte que tem a função de abrigar.

Não tens a sensação que, de uma forma geral, prevalece essa visão prática da arquitetura, e que se reflete pouco sobre questões mais conceptuais, relações de cores, enquadramentos urbanísticos, materiais a utilizar, relação com a luz, conforto e inovação?

São ingredientes para a boa arquitetura. O problema é reunir todos esses elementos e produzir algo extraordinário, dependendo muito do talento do profissional para que a obra transcenda em significado. Se corresponder plenamente em termos funcionais e ao que é exigido, se estiver adequadamente implantado ao envolvente e se trazer uma mais-valia, que é a intenção plástica da obra, aí, sim, estaremos perante uma arquitetura de boa qualidade.

Muito raramente na cidade da Praia ou no Mindelo nós paramos para ver o edifício e admirá-lo enquanto obra construída, como fazemos, por exemplo, quando vemos os sobrados de S. Filipe. Isso não te preocupa?

Imensamente. Porque uma das condicionantes é a forma, o tamanho e a localização dos lotes. Ajuda também a questão de espaço urbano em si. Ora, não há uma distância de qualidade, porque os prédios ficam em cima das ruas, não há grandes eixos a permitirem um enquadramento visual. Isso para dizer que a responsabilidade de uma boa arquitetura depende também dos planos urbanísticos (com os seus índices, a sua volumetria, etc.) Mas hoje há condicionantes novos: o saber, a cultura, os mecenatos. Começa a haver um interesse artístico e cultural sobre o que se produz. As grandes obras advêm de grandes promotores, salvas raras exceções. Repara que as grandes obras arquitetónicas mundiais ou tiveram um grande promotor ou foi o Estado a financiá-las.

A arte que há no teu trabalho não fica demasiado condicionada pela realidade do país? Como poderemos vir a ter uma arquitetura de autor, aquela que se reconhece pelos traços, harmonias e criatividade?

É mais um fator de estímulo que ajuda na criatividade, que entra como condicionante ao projeto, que traz a realidade contextual ao que se pode fazer com os elementos construídos que temos, com os materiais à disposição, com as técnicas e as tecnologias disponíveis ou com o custo e o preço, tanto da mão-de-obra especializada como dos materiais a envolver.

Ainda não é tarde demais para a arquitetura cabo-verdiana se afirmar? O teu discurso parece-me o de um otimista.

Sou otimista, mas lúcido. O tempo dirá. A evolução do país que cumpre uma agenda de transformação terá o seu impacto no futuro da arquitetura que se faz aqui. Precisamos de fazer o antropofágico exercício da criouldade na arquitetura. Aprender todos os elementos numa base conceptualista, no meu caso particular, para que o tempo venha confirmar a minha arquitetura como algo interessante artisticamente no contexto em que vivemos.

Praia, agosto de 2011

DÔS COM CELINA PEREIRA

Celina Pereira, cantora e escritora cabo-verdiana natural da ilha da Boavista, é certamente uma das figuras mais emblemáticas do espetro cultural cabo-verdiano. Com uma longa carreira de décadas, desde cedo revelou um interesse particular na preservação da tradição musical das ilhas, fixando as memórias tradicionais do som cabo-verdiano. São célebres as suas recontagens de histórias, publicadas em audiolivro na série *Estórias, Estórias*. Celina não deixa de ser uma mulher cheia de planos e projetos em curso e não se inibe de dar um recado onde revela alguma mágoa por não ser mais considerada na sua terra natal. E explica porquê é que, orgulhosamente, gosta de mostrar o seu lado africano.